

Artículo original

A memória discursiva em quadrinhos da Marvel sobre Thor

Marvel's comic discursive memory about Thor

Bruno Aguinaldo Feitosa

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9821-9171>

e-mail: bruno.feitosa@outlook.com

Rosemere de Almeida Agüero

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7250-4206>

e-mail: rosemere@uems.br

Recibido: 19/12/2023

Aprobado: 13/3/2023

RESUMO

Este estudo intitulado “A memória discursiva em quadrinhos da Marvel sobre Thor” tem o objetivo de analisar as práticas discursivas emergentes na sociedade americana, no século XX, de modo a descrever como o articulista, Stan Lee, instaura a memória discursiva em quadrinhos recortados da Marvel sobre o sujeito/personagem Thor, por meio dos discursos imagéticos em circulação nas HQs, no âmbito do corpus recortado. Busca-se verificar se os discursos recortados evidenciam a memória discursiva no aspecto apenas da estabilização de sentidos, pelo viés do interdiscurso, ou se também é possível observar os deslizamentos de sentidos. O corpus é constituído por discursos imagéticos recortados das HQs das histórias em quadrinhos do “Thor”, de Stan Lee, e revista Journey Into Mystery (1962), no Brasil publicada pela editora Panini como Biblioteca Histórica Marvel, Volume I. As análises são realizadas com base nas teorias da Análise do Discurso (AD), a partir da voz teórica de Michel Pêcheux. A metodologia utilizada inclui o fechamento do espaço discursivo e o exame das condições de produção e da memória discursiva. As análises evidenciaram o duplo viés da memória discursiva, que de um lado se apresenta como um espaço de repetição de sentidos e, de outro, é um espaço de deslizamentos de sentidos, que irrompem na perspectiva de um acontecimento novo que vem perturbar a aparente estabilidade presente nos discursos imagéticos analisados.

Palavras-chave: histórias em Quadrinhos; sujeito Thor; memória discursiva.

ABSTRACT

This study entitled “Marvel’s discursive memory in comics about Thor” aims to analyze the discursive practices emerging in American society in the 20th century, in order to describe how the writer, Stan Lee, establishes the discursive memory in cut-out comics from the 20th century. Marvel on the subject/character Thor, through the imagery discourses in circulation in the comics, within the scope of the cut corpus. It seeks to verify if the clipped speeches evidence discursive memory in terms of stabilization of meanings, through the interdiscourse bias, or if it is also possible to observe the slippage of meanings. The corpus consists of imagery discourses cut from the comics of the comics of Stan Lee's "Thor", and the magazine Journey Into Mystery (1962), in Brazil published by the publisher Panini as Biblioteca Histórica Marvel, Volume I. The analyzes are carried out based on Discourse Analysis (DA) theories, based on the theoretical voice of Michel Pêcheux. The methodology used includes closing the discursive space and examining the conditions of production and discursive memory. The analyzes showed the double bias of discursive memory, which, on the one hand, presents itself as a space of repetition of meanings and, on the other hand, is a space for slipping of meanings, which erupt in the perspective of a new event that comes to disturb the apparent stability. present in the imagery discourses analyzed.

Keywords: comics; subject Thor; discursive memory.

INTRODUÇÃO

A aparição de *Thor* nos quadrinhos foi na revista *Journey Into Mystery* n° 83, em agosto de 1962, intitulada “O poderoso *Thor* e os homens de pedra de Saturno”. A ideia de Stan Lee era criar um super-herói que fosse metade humano e metade deus, dando-lhe o nome de Thor, o poderoso deus do trovão da mitologia nórdica.

No período em que a revista foi lançada, o mundo vivia o advento da Guerra Fria. Hobsbawn (1995) narra que a denominação Guerra Fria é utilizada para designar uma situação de conflito geopolítico que envolveu duas grandes superpotências mundiais (os EUA e a URSS) e seus aliados, após o término da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, os Estados Unidos (EUA), país capitalista, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), nação socialista, centralizaram as relações políticas internacionais buscando mostrar seu poderio bélico e influência sobre o mundo.

Embora não tenha acontecido um conflito armado de fato, havia um permanente estado de tensão mundial, pois as potências mencionadas detinham a tecnologia da bomba atômica, arma que poderia destruir o planeta caso uma guerra viesse a ser deflagrada. Cada um desses países buscava provar a sua hegemonia ao resto do planeta e, para isso, usavam propagandas, investimentos em armas, tecnologias, lançando-se até mesmo à conquista do espaço por meio da *corrida espacial*.

Foram nessas condições de produção histórica que Stan Lee criou *Thor*, partindo da ideia de um herói que pudesse combater ataques comunistas. Tomando por base essa ideologia anticomunista, Stan Lee cria o médico Donald Blake, um personagem manco, fraco e que aparentemente não mostra causar qualquer tipo de perigo, condição física que facilita a sua entrada nas barreiras inimigas. Quando esse personagem, Donald Blake, se vê em perigo ele se transforma no poderoso *Thor*, o deus da mitologia nórdica, um herói tão forte que é temido pelos seus inimigos, pois sua força é incomparável e seu martelo destrói tudo que fica em seu caminho. Ao assumir a personalidade de *Thor*, Blake passa a agir e ter as mesmas emoções do deus nórdico, tornando-se forte, corajoso e impiedoso com seus inimigos.

Essas condições de produção históricas influenciaram as primeiras aventuras do deus asgardiano, pois suas histórias eram impregnadas de ideologias políticas que perpassavam a sociedade na década de 1960. Deste modo, os quadrinhos desse período acompanhavam o que estava acontecendo no momento, apresentando gírias modernas, problemas sociais e questões do mundo.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

As histórias em quadrinhos (HQs) estão incorporadas ao campo da literatura popular executando uma leitura do cotidiano, pois devido ao seu formato simplificado e dinâmico estão ao alcance da compreensão de um grande número de leitores. Este fato só é possível devido às características fundamentais dos quadrinhos, que trabalham o discurso imagético por meio de uma sucessão de imagens, da sequência dos personagens e do diálogo incluso no quadro, por meio do formato próprio. Desta forma, os quadrinhos instauram um método de narrativa fluída, baseada nos desenhos, que são formas universais de linguagem e, por isso, vêm ganhando espaço nas universidades e nas escolas de ensino fundamental e médio.

As temáticas discutidas nas HQs e, principalmente nas histórias sobre Thor abordadas neste artigo, são bastante relevantes para estudos em Análise do Discurso (AD), pois a materialidade analisada, recortada de histórias em quadrinhos, deve ser considerada não apenas pelo seu aspecto cultural, mas principalmente porque veicula ideologias e sentidos influenciando os modos de pensar da sociedade. Essas discursividades refletem valores presentes na sociedade, instaurando modelos a serem seguidos pelos sujeitos que compram as HQs. Daí a importância de serem elucidadas.

Thor nasce como um herói humanizado pelo seu criador, Stan Lee, proveniente de uma cultura dos povos escandinavos, historicamente hostil, com características do bom cidadão americano, que combate os crimes em Nova Iorque e defende os EUA de todas as ameaças. Paradoxalmente, Thor em sua origem nórdica não tem nada de humano, pelo contrário, é um deus que busca suas próprias glórias, pois quanto mais ele vence batalhas e desafios mais forte ele fica. É esse sujeito projetado parcialmente frágil, em parte heroico e também transgressivo que se transforma em sujeito neste artigo, na perspectiva da Análise do Discurso (AD), por meio da ideologia que atravessa a sociedade americana e que o interpela a ser sujeito, ou seja, o chama à existência e a enunciar discursos, identificado a uma formação ideológica (FI).

A MEMÓRIA DISCURSIVA NOS QUADRINHOS SOBRE THOR. O INTERDISCURSO E O DESLIZAMENTO DE SENTIDOS

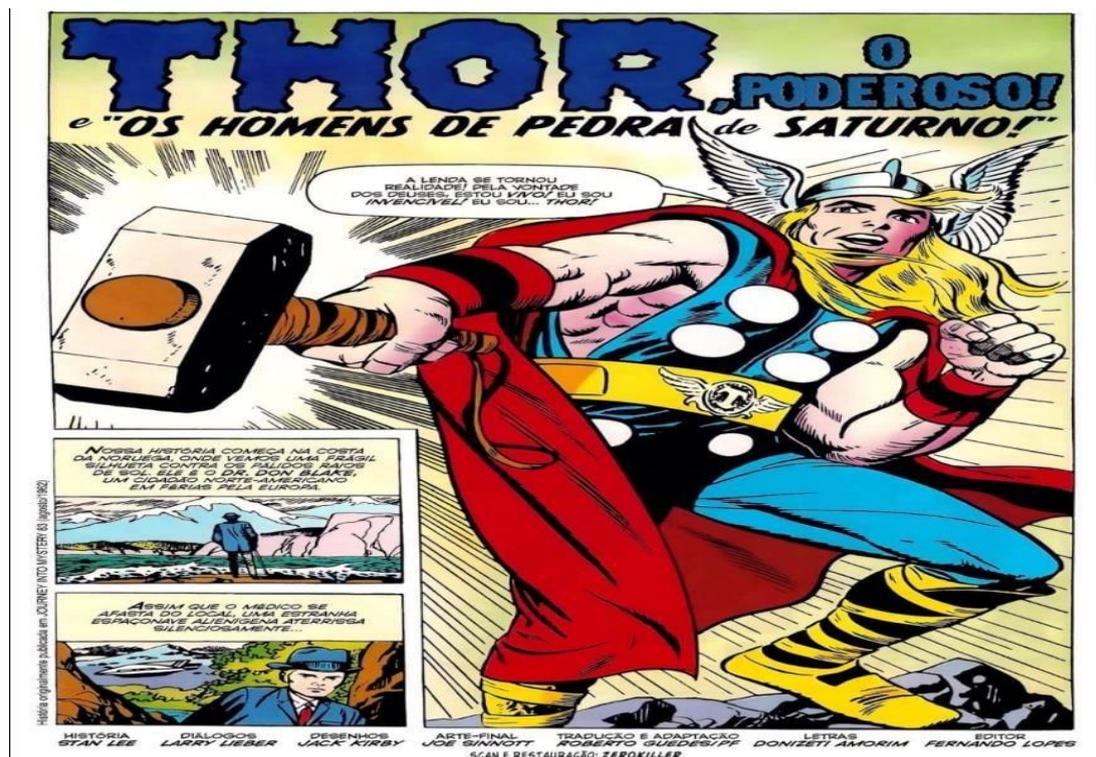
As noções da AD foram aperfeiçoadas durante toda a trajetória teórica de Michel Pêcheux, seu criador. O conceito de memória discursiva, uma das noções teóricas chave da AD, também decorre de evoluções na teoria. No artigo intitulado “Papel de Memória”, do ano de 1983, Pêcheux trata da noção mencionando que a memória discursiva “[...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos ([...] os pré- construídos [...] discursos transversos) de que sua leitura necessita” (Pêcheux, 2010, p. 52). No mesmo texto, Pêcheux alerta, entretanto, que apesar dessa rede de implícitos parecer que irrompe de forma estável e sedimentada no acontecimento, na perspectiva de uma repetição ou regularização (sob forma de interdiscurso, paráfrase, etc), é sempre suscetível de ruir ante o peso de um acontecimento discursivo novo que vem perturbar a aparente regularização de sentidos. Segundo o teórico:

A memória tende a observar o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupções, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmarcar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (Pêcheux, 2010, p. 49).

Assim, de acordo com Pêcheux, a memória discursiva possui um duplo viés: de um lado, ela se apresenta como um espaço de repetição de sentidos (já-ditos, implícitos) e, de outro, é um espaço de deslizamentos de sentidos, que irrompem na perspectiva de um acontecimento novo que vem perturbar a aparente estabilidade (Pêcheux, 2010, p. 52-3).

Considerando a memória discursiva como espaço de repetição e deslizamento de sentidos passaremos a observar a figura 1, a seguir:

Figura 1: A lenda Thor



Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-\(Thor-odinon-\(donald-blake-jake-olson\)\)](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-(Thor-odinon-(donald-blake-jake-olson)))

Ao analisar as condições de produção do aparecimento de Thor pode-se identificar um viés da memória discursiva que, de acordo com o Pêcheux, coloca em jogo uma imagem que evoca um discurso enunciado em outro lugar (Pêcheux, 2010, p. 51-2).

A memória discursiva, que atravessa as discursividades da figura 1, acima, remete ao Dr. Blake que, durante a sua transformação, de médico americano frágil em Thor, consegue recordar o seu passado de deus poderoso das terras nórdicas, quando era temido por sua força e arrogância.

Neste aspecto, pode-se identificar na figura 1 a memória discursiva em seu aspecto de “repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito” (Pêcheux, 2010, p. 51). O viés da memória discursiva mobilizado na figura 1 é o interdiscurso em seu aspecto de “remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase” (Pêcheux, 2010, p. 51) que mantém a regularização do discurso enunciado em outras condições de produção. Nesse aspecto, o aparecimento dele nas HQ nos leva a pensar que o domínio associado de memória se refere às associações que um enunciado estabelece com outros enunciados no interior de uma memória. Na análise, esse domínio fornece tudo o que se relaciona com aquilo que o sujeito diz.

Na figura 2, a seguir, pode-se observar mais um conjunto de enunciados que mobiliza a memória discursiva em seu aspecto de remissões e retomadas, característica do interdiscurso.

Figura 2. Transformação do *Thor* em deus do trovão¹



Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-\(Thor-odinon-\(donald-blake-jake-olson\)\)](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-(Thor-odinon-(donald-blake-jake-olson)))

Pode-se afirmar que a figura 2, acima, representa o ápice da HQ. É o momento em que o *Dr. Donald Blake* se transforma em *Thor*. No momento de sua transformação em deus do trovão, automaticamente, retoma a memória e se lembra de quem ele realmente é. Ao empunhar o martelo, diz: “*Thor!* O lendário Deus do Trovão! O mais poderoso guerreiro da mitologia! Este é o martelo dele! E eu... eu sou *Thor!*” (Biblioteca Histórica Marvel, 2008, p. 17).

³Momento da história em que o Dr. Donald Blake se transforma no poderoso *Thor*. E consegue se lembrar de quem ele realmente é. Imagem disponível em:

<[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-\(Thor-odinon-\(donald-blake-jake-olson\)\)](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-(Thor-odinon-(donald-blake-jake-olson)))/14>. Acessado em 20 de janeiro de 2021.:

Os enunciados da figura 2 - “Thor! O lendário deus do trovão” e “O mais poderoso guerreiro da mitologia” e “Este é o martelo dele!” – também mobilizam o interdiscurso, em seu aspecto de remissão, de retomada de um já-dito produzido em outras condições de produção históricas. Os itens lexicais “lendário”, “deus do trovão”, “mais poderoso” e “guerreiro da mitologia” instauram efeitos do sujeito como um ser mítico, lendário, fabuloso e heroico, cuja imagem retoma um passado mitológico. No enunciado “E eu... eu sou Thor!” as reticências marcam um estado de suspensão, de pausa, de lapso, um intervalo entre o esquecimento e a lembrança, instante em que o sujeito se recorda de quem realmente é.

É importante mencionar que não apenas nas discursividades 1 e 2, mas em muitos discursos imagéticos presentes nas HQs de Thor, o articulista, Stan Lee, retoma o passado de deus da mitologia nórdica associado ao sujeito Thor, projetando-o com características de grandeza, força física, orgulho, altivez, atrevimento, ousadia, imodéstia, impulsividade e arrogância. Em outras condições de produção, quando retrata o sujeito como o herói americano humanizado, que luta contra o Comunismo, Stan Lee o instaura com sentidos de salvador, defensor da humanidade, protetor dos fracos e oprimidos, apresentando características de humanização, sociabilidade e civilidade.

Deste modo, a memória discursiva, na construção identitária do sujeito Thor exibe o duplo aspecto teorizado por Pêcheux (2010, p. 52-3) conforme se pode observar a seguir:

Quadro 1. O duplo viés da memória discursiva nas HQs de Thor

| MEMÓRIA DISCURSIVA (INTERDISCURSO E DESLIZAMENTO DE SENTIDOS) NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO THOR | |
|---|--|
| <p>THOR como herói mitológico: características de grandeza, força física, orgulho, altivez, atrevimento, ousadia, imodéstia, impulsividade e arrogância.</p> | <p>THOR como o herói humanizado americano: características de humanização, sociabilidade e civilidade. Thor combate o Comunismo e é projetado como salvador, defensor da humanidade, protetor dos fracos e oprimidos.</p> |

Fonte: O autor

O quadro anterior (quadro 1) mostra, portanto, que os sentidos deslizam nas representações identitárias do sujeito Thor.

Neste aspecto, pode-se afirmar que a maioria das HQs de Thor instaura uma memória discursiva, tanto de algo que já foi dito em determinado momento histórico, mas que deslizam

para novos sentidos em outras condições de produção. As representações de Thor, por Stan Lee, instauram, portanto, sentidos de repetição e de deslizamentos dependendo das condições históricas em que são produzidos.

Santos (2014) também nos lembra que os sentidos de um discurso se modificam de acordo com o acontecimento e as condições históricas. Segundo o autor:

Os sentidos produzidos no aparecimento de um enunciado fazem parte do acontecimento discursivo, de modo que entra no fio de discursos possibilitados pela história. Assim, a circulação é marcada pelo imbricamento entre linguagem e história e reafirma o discurso como estrutura e acontecimento, sendo que a inscrição dos enunciados na história expõe os diferentes discursos que circularam em determinado momento e em determinada materialidade. (Santos, 2014, p. 32).

Nesta perspectiva, os enunciados recortados nos discursos imagéticos analisados, do *Thor*, permitem-nos identificar determinados dizeres que fazem parte de uma rede de memória do personagem (interdiscurso), fazendo assim uma relação com algo que já foi dito. *Thor* carrega consigo uma existência passada, que não sabe ao certo como era. As primeiras revistas deste personagem foram apenas um esboço de quem realmente ele seria e para que veio ao mundo dos quadrinhos. De fato, Stan Lee queria um herói que tivesse características da mitologia nórdica.

Nos quadrinhos, os discursos articulados por *Thor* instauram sentidos de uma personalidade múltipla. Quando está fora de perigo é apenas o *Dr. Donald*, quando está em apuros ou precisa salvar a vida de alguém ele se transforma em *Thor*. Na representação do sujeito, como herói, essa imagem também pode ser projetada como o herói transgressor da mitologia nórdica e como o herói humanizado americano. A construção identitária do sujeito, portanto, é instaurada de maneira complexa por Stan Lee.

Figura 3. Ao assumir a identidade de *Thor*, o personagem passa a redescobrir seus poderes.



Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-\(Thor-odinon-donald-blake-jake-olson\)](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-(Thor-odinon-donald-blake-jake-olson))

Analisando a figura 3 observamos que o sujeito rememora que o cajado que encontrou é mágico e que, ao batê-lo no chão, o sujeito se transforma no poderoso Thor e o cajado no martelo *mijölnir*, que só *Thor* pode empunhar. O enunciado “De acordo com a lenda”, presente no discurso imagético 3, anterior, instaura efeitos de sentido de passado, de crença ou mito popular resgatado de condições de produção remotas. Isso se dá pelo fato do sujeito ter escutado histórias sobre a mitologia.

Figura 4. Dr. Donald Blake assumindo a forma de Thor.



Fonte: [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-\(Thor-odinson-donald-blake-jake-olson\)](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/Thor-(Thor-odinson-donald-blake-jake-olson))

Nas duas imagens acima podemos observar a transformação do personagem. Na primeira figura o cajado está ao lado dele, no chão e ele está preso em uma cela, correndo perigo de ser fuzilado por comunistas. Quando empunha o cajado, ele recebe os poderes de Thor. Podemos observá-lo enunciado do *Dr. Donald Blake*, que ele irá assumir a personalidade de *Thor* e, dali para frente, não será mais humilhado, pois os sujeitos que fizeram isso com ele irão sentir sua fúria. Este discurso é atravessado pelo sentido de relação de forças, sendo as principais características dessa formação imaginária a imposição pela força de sentidos que irrompem pelo viés da memória discursiva do sujeito.

Orlandi (2015) observa que o mecanismo das formações imaginárias compreende a antecipação, as relações de força e de sentido.

Por relações de sentido entende-se que todo discurso se relaciona com outros e os sentidos do discurso derivam dessa relação. No que tange à antecipação, temos a figura de um sujeito que “[...] antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem” (Orlandi, 2015, p.39). Neste aspecto, a argumentação é alocada ao discurso de acordo com o efeito que se propõe instaurar, baseando-se na compreensão de seu ouvinte. Quanto à relação de forças, deriva da idéia de que o sentido do discurso é instaurado a partir do lugar no qual o sujeito que enuncia está inserido. A autora dispõe essas três perspectivas como “formações imaginárias”, validando assim as projeções discursivas provenientes dos sujeitos e dos locais de fala destes.

Na imagem 3 temos a transformação completa do deus do trovão, na qual ele deixa de segurar um cajado frágil e passa a segurar o *mjolnir*, a arma mais poderosa da mitologia nórdica. Segundo os contos nórdicos, apenas *Thor* teria a força para empunhar este martelo. Quando o *Dr. Donald Blake* cede lugar a *Thor*, a transformação aciona a memória discursiva do sujeito que emerge pelo viés do interdiscurso, mobilizando os sentidos do deus nórdico, ou seja, daquele que pune e que age pela força. Nesse aspecto, a memória discursiva se instaura na conduta deste deus, que enuncia a partir do lugar de um deus pagão e não da fragilidade instaurada pela figura do *Dr. Blake*.

Pêcheux, (2002, p. 53) escreve que “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. O teórico ensina, ainda, que “*as coisas a saber* [...] não são jamais visíveis [...] mas sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras [...]” (Pêcheux, 2002, p. 54). Assim sendo, a interpretação desses enunciados e discursos imagéticos passa pelo domínio de memória e por uma rede de filiações que mostram os movimentos dos sentidos.

Deste modo, todo enunciado retoma outro - seja para repeti-lo, refutá-lo e transformá-lo - ou desliza para sentidos diferentes em condições de produção distintas ou mediante o aparecimento de um novo acontecimento discursivo. Nessa rede, quando o enunciado é repetido por determinada posição-sujeito em uma conjuntura histórica diferente estabelece-se a atualização, ou seja, os sentidos deslizam e instauram-se sentidos novos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou um *corpus* constituído por alguns recortes da *HQ, Biblioteca histórica Marvel, O Poderoso Thor Volume 1* com o objetivo de verificar regularidades que evidenciassem aspectos da memória discursiva atravessando as discursividades.

No que se refere às condições de produção em torno do aparecimento de *Thor* nas histórias em quadrinhos (HQs) foram expostos brevemente os processos históricos e ideológicos em torno de sua criação nos anos da Guerra Fria, acontecimento geopolítico que deixou o mundo em estado de tensão, uma vez que os países mentores (EUA e URSS) detinham a tecnologia da bomba atômica, podendo destruir o mundo caso entrassem em guerra

As análises dos discursos imagéticos recortados apontaram o funcionamento da memória discursiva em seu duplo viés, irrompendo em condições de produção diferentes. Deste modo, é possível observar a memória discursiva em seu aspecto de “repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito” (Pêcheux, 2010, p. 51) em seu aspecto de “remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase” (Pêcheux, 2010, p. 51) quando o *Dr. Donald Blake* cede lugar a *Thor*, pois a transformação aciona a memória discursiva do sujeito que emerge pelo viés do interdiscurso, mobilizando os sentidos do deus nórdico, ou seja, daquele que pune e que age pela força. Nesse aspecto, a memória discursiva se instaura na conduta desse deus, que enuncia a partir do lugar de um deus pagão e não da fragilidade instaurada pela figura do *Dr. Blake*.

Em outras condições de produção, quando projeta a imagem do sujeito *Thor* como o herói americano humanizado, que luta contra o Comunismo, Stan Lee o instaura com sentidos de salvador, defensor da humanidade, protetor dos fracos e oprimidos, apresentando características de humanização, sociabilidade e civilidade. Ou seja, os efeitos de sentido deslizam tornando-se outros.

Deste modo, a memória discursiva, na construção identitária do sujeito *Thor* exibe o duplo aspecto teorizado por Pêcheux (2010, p. 52-3): de um lado, há um espaço de repetições, retomadas e paráfrases, mantidas graças à força do interdiscurso e, de outro, há

o deslizamento de sentidos, em condições de produção diferentes e mediante um acontecimento novo.

Trata-se de uma construção identitária bastante complexa, que instaura Thor como um sujeito dividido, heterogêneo e descentrado. Essa identificação é característica dos sujeitos modernos clivados, divididos entre consciente e inconsciente, que não apresentam unidade como se pensava no Iluminismo, mas que mantêm a ilusão subjetiva de ser o centro de si mesmos e daquilo que dizem.

REFERÊNCIAS

- Biblioteca Histórica Marvel (2008). O Poderoso Thor - Volume I. Panini Comics,
- Hobsbawm. E. J. E. (1995). Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras.
- Orlandi, E. P. (2015). Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores,
- Pêcheux, M. (2010). Papel da memória. In.: ACHARD, P. (org.), Papel da memória. Trad.
- Nunes, J.H., 3ª. ed., Campinas - SP: Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2002). O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. ORLANDI, E. P. 3ª ed., Campinas, SP: Pontes.
- Santos, J. J. (2014). Produções discursivas no horror: Materialidade fílmica e memória na trilogia de Zé do Caixão. São Paulo: UNESP, Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123253>>. Acesso em 1º de junho de 2020. DOI: <http://doi.org/10.17616/R31NJJN>